

## A QUESTÃO DA *HIERARQUIA CULTURAL* EM GILBERTO FREYRE

Marco Antônio Nunes da SILVA<sup>1</sup>

---

**Resumo:** O artigo propõe analisar a grande obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, pelo viés da cultura, apontando, de forma sucinta, as principais inovações trazidas pelo livro, bem como tecer algumas críticas e estereótipos que ainda permanecem – muitos destes beirando o preconceito –, mesmo numa obra inovadora como esta.

**Palavras-Chave:** Gilberto Freyre; hierarquia cultural; Nordeste brasileiro; cristãos-novos; família patriarcal; cultura africana; Casa-Grande & Senzala.

---

Entre as muitas críticas feitas a *Casa-Grande & Senzala*, está a que aponta a falta de historiadores brasileiros clássicos, como Francisco Varnhagen, Capistrano de Abreu e Oliveira Lima, ausência essa justificada pelo próprio Gilberto Freyre, ao creditar a *deficiência* ao fato de ter optado pelo uso mais intenso de fontes primárias, em detrimento de uma bibliografia escrita. Ora, mas esse é um dos pontos fortes da obra, inovadora justamente devido ao uso de fontes documentais pouco usadas, como, por exemplo, recortes de jornais.

Críticas também são feitas quanto à excessiva importância dada ao elemento sexual em sua análise da formação social do Brasil. Excessivo, igualmente, é o papel que o meio exerce sobre a formação do brasileiro, aliado ao fato do livro se preocupar demais com o Nordeste, dando pouca importância ao Sul, questionamento levantado por Taunay, e constantes todos no *Prefácio*.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. - Prof. convidado da FEA.

Em meio a essas críticas, Darcy Ribeiro, em seus Ensaio Insólitos, tece elogios rasgados à obra de Gilberto Freyre, sem, contudo, deixar de criticá-la. Como o próprio Darcy afirma, “muito a contragosto, Gilberto Freyre escreveu a obra mais importante da cultura brasileira.” (RIBEIRO, 1979: 64) Mas, mesmo tecendo tão grande elogio, espanta-se por não entender como um homem, “tão tacanhamente reacionário no plano político”, possa ter escrito obra de tão grande envergadura<sup>2</sup>. (NOVINSKY, 1996: 11) Porém, aponta que a obra de Freyre nos fez ver, com orgulho, nossos ancestrais, e “a nos reconciliarmos com nossa ancestralidade lusitana e negra, de que todos nos vexávamos um pouco.” (RIBEIRO, 1979: 65)

Elogios são também feitos por Roberto DaMatta. Afirma, este autor, que Gilberto Freyre rompeu com uma tradição racista, representada por homens como Nina Rodrigues e Oliveira Viana. Enquanto estes “sempre falam do que nos falta e de como poderíamos ter sido, ele [Gilberto Freyre] fala do Brasil que é. Esse Brasil que existe antes de nós e que, a despeito de nossa vontade, continuará depois de nós. Esse Brasil que é nosso, mas não foi inventado por nós.” (DAMATTA, 1987: 6-7)

Se, de uma forma ampla, Casa-Grande & Senzala nos tira o constrangimento de sermos brasileiros, especificamente avança, ainda mais, ao romper com uma visão consagrada do Nordeste: a da pobreza. Cenário preponderante de sua obra é do “litoral fértil” nordestino que se ocupa a obra, não “o de bode e paçoca, de securas e fomes”, ao contrário, é o “do siri e do pirão, da cana e do massapé.” (RIBEIRO, 1979: 81)

---

<sup>2</sup> Agradeço, aqui, a gentileza da Professora Anita Novinsky, por ter me cedido, antes mesmo da publicação, cópia de seu texto sobre o aspecto judaico na obra de Gilberto Freyre. Nesse trabalho, essa posição de Darcy Ribeiro não é referendada pela Professora Anita, ao afirmar que as “pronunciações políticas [de Gilberto Freyre], a sua luta pela Democracia, as perseguições que sofreu, os exemplos de resistência e de consciência que deu, jamais permitirão julgar o conjunto de sua obra, como hostil aos judeus.” Porém, mesmo criticando-o, não deixa Darcy Ribeiro de compará-lo a Cervantes, Camões, Tolstói e Sartre.

O pioneirismo gilbertiano está, ainda, no fato de ter se dedicado a “estudar os modos de falar dos escravos: o espaço nobre e pobre das moradas de engenho de sua terra: as práticas sexuais, os juramentos e as expressões de blasfêmias e opróbrio: a cozinha e a comida.” (DAMATTA, 1987: 7) Igualmente, segundo Anita Novinsky, “Gilberto Freyre foi o primeiro estudioso da sociedade colonial que incluiu os cristãos-novos entre os elementos básicos que formaram o Brasil, tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista cultural”, assunto que, em sua época – para não dizer ainda hoje –, era pouco explorado cientificamente<sup>3</sup> (NOVINSKY, 1996: 1-3)

Em sua comunicação, Anita Novinsky afirma que o anti-semitismo, atribuído a Gilberto Freyre, não condiz com a verdade. “O anti-semitismo moderno se alimenta da falsificação da história. Freyre nunca o fez, ao contrário, valorizou muito mais o cristão-novo do que o criticou”<sup>4</sup> (NOVINSKY, 1996: 11) Se, por um lado, vacila em alguns momentos, quando, por exemplo, atribui aos judeus interesses apenas econômicos, por outro, não deixa de mostrar o papel relevante desempenhado pelo elemento judaico na constituição brasileira<sup>5</sup>. (NOVINSKY, 1996: 6)

Mas, não há como negar que Gilberto Freyre mostra uma certa dose de preconceito ao imputar aos israelitas vocações não agrícolas, mas preponderantemente comerciais. Sua análise caminha mais no sentido de mostrar que o português tinha pouca tradição em lidar com a agricultura, e se foi por

---

<sup>3</sup> Como aponta a Professora Anita, Gilberto Freyre mostrou, em 1933, com o lançamento de sua obra, que os judeus foram “os primeiros colonos sólidos, mecânicos, nas fábricas de” açúcar. Gilberto Freyre foi o autor que mais valorizou a importância do judeu para a colônia. Citando suas palavras, Novinsky nos faz ver que Freyre já identificava que “na prosperidade dos judeus, baseou-se o imperialismo português para expandir-se”.

<sup>4</sup> A Professora Anita é categórica ao afirmar que “Gilberto Freyre abriu um caminho para os estudos dos cristãos-novos no Brasil”.

<sup>5</sup> Num momento específico de sua obra, Gilberto afirma que os judeus são avessos ao trabalho manual. “estereótipo muito em voga nos círculos anti-semitas de seu tempo.”

esse setor que a colônia brasileira se desenvolveu, explica-se melhor por uma imposição desta, do que por uma escolha dos colonizadores. Quanto a esse ponto, Darcy Ribeiro critica a posição de Gilberto Freyre, afirmando que o judeu assume um “retrato caricaturesco e impiedoso” na obra gilbertiana<sup>6</sup>. (RIBEIRO, 1979: 84; FREYRE, 1994: 24)

Como muito propriamente pontua Anita Novinsky, “o que surpreende entre as muitas contradições que encontramos na obra de Gilberto Freyre é que, tendo escrito numa época impregnada de anti-semitismo e racismo, acentua a superioridade cultural dos judeus sobre os portugueses em geral.” (NOVINSKY, 1996: 8) Da mesma forma, dá um passo à frente, ao perceber os verdadeiros motivos da perseguição imposta pela Inquisição aos judeus. A resposta, diz-nos Freyre, não deve ser buscada na religião, pois se esconde atrás de interesses econômicos.

Sabemos ainda, através dessa grande obra, que os cristãos-novos chegados em terras americanas traziam consigo “grandes capitais, os quais investiram nas indústrias de açúcar.” (NOVINSKY, 1996: 2) Com isso, Casa-Grande & Senzala nos faz rever a sempre recorrente acusação que paira sobre os judeus de só se interessarem pelo comércio, o que, a princípio, pode contradizer o que dissemos acima, mas não se levamos em conta as “muitas contradições” – referidas por Anita Novinsky – que vemos ao longo de sua obra. É perfeitamente possível, em determinada parte, Gilberto Freyre deixar claro a preponderância do judeu no comércio e, em outra, nos falar de sua relação com o açúcar.

Mas o avanço de Freyre não se acha apenas em ter ele se ocupado primeiramente do elemento judaico, mas por ter se dedicado a questões até então desconhecidas dos historiadores. À frente de nomes como Robert Mandrou,

---

<sup>6</sup> Segundo o próprio Gilberto Freyre, para os portugueses o ideal teria sido não uma colônia de plantação, mas outra Índia com que israelitamente comerciassem em especiarias e pedras” preciosas.

Philippe Ariès e Georges Duby, preocupou-se igualmente com “a vida cotidiana, as mulheres, a casa, a comida, a roupa, a visão de mundo do homem colonial e a sua maneira de sentir a vida, o amor, a morte.”<sup>1</sup> (NOVINSKY, 1996: 4; CHACON, 1983: 247)

Os elementos que compõem Casa-Grande & Senzala são o latifúndio monocultor da cana-de-açúcar, assentado quase que só na mão-de-obra africana. Faz parte igualmente de sua constituição, um cristianismo povoado por características indígenas e africanas, tudo açambarcado pela figura do patriarcalismo, representado pelo senhor de engenho, habitante da casa-grande, marido e pai, polígamo em muitos casos, que busca em negras e mestiças satisfação para suas necessidades de homem, nem sempre encontradas nas “bem comportadas” esposas.<sup>7</sup> (RIBEIRO, 1979: 82)

Mas essa importância em demasia dada à família patriarcal é alvo de crítica por parte de Darcy Ribeiro. Na visão deste autor, Gilberto Freyre esqueceu-se de analisar a não-família. “esta antifamília matricêntrica de ontem e de hoje, que é a mãe pobre, preta ou branca, parideira, que gerou e criou o Brasil-massa.” (RIBEIRO, 1979: 82)

Na análise de Freyre, preocupado em fixar e interpretar a formação da família brasileira, a casa-grande não foi mérito apenas da cultura açucareira, mas também do sul cafeicultor, região igualmente monocultora e escravocrata. Ligada à casa-grande, está o “patriarcalismo escravocrata e polígamo”, juntamente com a presença marcante do cristianismo, mesclado às crendices da senzala.

---

<sup>7</sup> Foi Freyre, ainda, quem primeiro trabalhou “com tópicos como família, sexualidade, infância e cultura material, antecipando a Nova História dos anos 70 e 80.” Falando do impacto que *Casa-Grande & Senzala*, causou fora do Brasil, Vamireh Chacon coloca bem sua importância para renomados historiadores: “Um historiador da Escola dos *Annales*, Peter Burke, mostrou como foi Gilberto Freyre quem influenciou Fernand Braudel naquelas direções, não Braudel a Gilberto Freyre.”

O problema, aqui, é que o engenho descrito em Casa-Grande & Senzala não existiu, pois é fantasioso e exagerado. E mesmo descontando-se os excessos, o modelo proposto se restringiria mais a Pernambuco, não extensivo, portanto, ao restante do Brasil. Ainda tratando desse universo dominado pelo engenho, fica patente que Gilberto Freyre propõe um governo ao Brasil tal qual se governava um engenho. Esse aspecto – não de todo explícito – mostra um Gilberto do passado, homem que se refugia em suas lembranças para descrever uma sociedade que não mais existe.

Na formação da sociedade brasileira, Gilberto Freyre nos diz que a falta de mulheres na colônia obrigou o europeu a confraternizar-se com o índio e com o escravo, fator que contribuiu para diminuir a distância entre senhores e escravos, entre a casa-grande e a mata tropical. E a mulher indígena, então, é considerada como a base da formação da família brasileira, acolhendo os portugueses que aqui chegaram, ressentidos pela escassez de mulher européia. Também muito dos costumes que ajudaram na constituição do povo brasileiro foi-lhe transmitido pela índia. (FREYRE, 1994: 94)

Mas, se a mulher indígena merece destaque, o mesmo não ocorre com o homem indígena, que teria contribuído mais com seus conhecimentos guerreiros, quer na defesa da colônia contra invasões estrangeiras, quer no alargamento das fronteiras rumo ao interior. Pouca ou quase nenhuma contribuição deu quanto ao trabalho agrícola, ausência explicada, em parte, por sua tradição de homem da floresta, caçador, portanto. Na cultura indígena, o cultivo do solo era tarefa eminentemente destinada às mulheres.

Nesse mundo de proximidades, a língua portuguesa constituiu-se em mais uma prova da confraternização entre partes distintas. O uso rígido que o português fazia dos pronomes foi pelo escravo abrandado, apontando e reforçando a confraternização. Porém, Freyre não deixa de ver como o homem branco crescia aprendendo a usar o poder sobre o negro. Criados juntos, senhor

e escravo logo se diferenciavam, levando o primeiro a desenvolver muitas vezes tendências sádicas, subjugando e humilhando seu companheiro de brincadeiras. (FREYRE, 1994: 335-337) Nesse sentido, o Brasil, país formado por uma série de antagonismos, pode ser resumido num mais abrangente, aquele que coloca em lados opostos “o senhor e o escravo”. (FREYRE, 1994: 53)

Essa predisposição do português à miscigenação está ligada ao seu passado histórico, ao seu contato anterior com a África. Para Gilberto Freyre, o português é um “povo indefinido entre a Europa e a África”<sup>8</sup>. (FREYRE, 1994: 5-6) Nesse sentido, a facilidade com que o português se adaptou ao clima tropical o ajudou em sua escalada colonizadora. Obra conseguida por poucos brancos, a adaptabilidade lusitana deve-se à própria especificidade de seu território, pois que “nas condições físicas de solo e de temperatura, Portugal é antes África do que Europa.” (FREYRE, 1994: 10)

Mas, não deixa de ligar o sucesso da colonização portuguesa nos trópicos à influência do elemento semita, povo que imprimiu aos lusitanos caracteres adaptativos que os possibilitaram a melhor sobreviver em “habitat tropical”. (FREYRE, 1994: 8) A facilidade para mover-se com desenvoltura, herdada, em parte, dos semitas, explicaria, então, o sucesso da empresa colonizadora, juntamente com o gosto do português pelo “intercurso social e sexual com raças de cor”, prática trazida do contato com os norte-africanos. (FREYRE: 1994: 9) Mal alimentado, o português é visto por Freyre como o menos cruel dos colonizadores, e mais afeito à miscigenação, característica resultante de uma maior “plasticidade social”. (FREYRE, 1994: 189)

A influência moura chegou ao Brasil trazida pelo português colonizador. Os séculos que permaneceram na Península Ibérica imprimiram, na cultura lusitana, características mouriscas, visíveis ainda hoje, abrangendo todos

---

<sup>8</sup> Como afirma o autor, Portugal era um país “influenciado pela África, condicionado pelo clima africano, solapado pela mística sensual do Islamismo.”

os níveis da vida portuguesa. Assim, amplamente amalgamados com os mouros, os portugueses acabaram por trazer à colônia americana traços culturais dos norte-africanos.

Se por um lado, o mouro ajudou a criar o português, influenciou igualmente a presença judaica, agindo ambos no sentido de “deseuropeizar” a cultura portuguesa. Mas volta o autor a imprimir, ao judeu, características estereotipadas, afirmando que suas mãos foram transformadas “em garras incapazes de semear e de criar”<sup>9</sup>. (FREYRE, 1994: 226, 231)

Mas, podemos perceber que a proposição da obra caminha no sentido de mostrar que a modernidade do colonizador português não está no seu “burguesismo”, mas na miscigenação racial. O avanço desloca-se, portanto, do econômico para o cultural.

A empresa colonizadora proposta por Portugal, é ainda mais valorizada quando se consideram as barreiras naturais a serem vencidas. A começar pela mudança da base alimentar, trocando-se o trigo pela mandioca. Posteriormente, o clima tropical tornou mais penoso o trabalho da terra, problemas não enfrentados, por exemplo, pelos povoadores da América do Norte.<sup>10</sup> (FREYRE, 1994: 15)

A colonização portuguesa abriu caminho na história para um novo tipo de exploração. Deixou de lado a típica exploração mineral, vegetal ou animal, e dedicou-se a criar a riqueza no próprio local, patrocinando o povoamento da terra<sup>11</sup>. (FREYRE, 1994: 17) Dessa forma, inaugurou o português, a *colônia*

---

<sup>9</sup> Quanto a essa posição questionável em relação ao judeu, veja-se a passagem que se segue: referindo-se à formação agrária portuguesa, Freyre lembra que esse passado fora pervertido “pela atividade comercial dos judeus.”

<sup>10</sup> Problemas de ordem natural também tiveram que ser vencidos, como os rios, as formigas, as lagartas e inúmeras outras pragas.

<sup>11</sup> Há que se considerar que mesmo essa criação de riqueza na colônia visava primeiramente a exportação.



*de plantação*, tendo por base a exploração agrícola, fixando o colono a terra. Nesse tipo de colônia, utilizou-se largamente das riquezas naturais, exploradas com o auxílio de uma mão-de-obra nativa, substituída posteriormente pelo escravo africano<sup>12</sup>. (FREYRE, 1994: 17)

Já a partir da terceira década da colonização, a família rural se impõe, promovendo ela, o avanço da colônia, e marcando presença tão significativa que nem mesmo o Estado português conseguiu se lhe impor, pois “sobre ela, o rei de Portugal quase que reina, sem governar”. (FREYRE, 1994: 19) Então, os louros da vitória devem ser creditados mais à iniciativa privada do que ao Estado português, “sempre sumítico”. (FREYRE, 1994: 18) No alargamento das fronteiras, por exemplo, a ação de particulares foi bem mais expressiva que a do governo. Assinados contratos estipulando limites, acabaram sendo ignorados pela iniciativa privada.

Nessa marcha para a fixação em novo território, o catolicismo serviu ao colonizador como fator de união. Aos que chegavam ao Brasil, muitos dos quais estrangeiros, não se olhavam caracteres físicos, mas a religião professada. Como lembra Freyre, o estrangeiro não representava perigo à unidade, mas sim o herege. Ao forasteiro, bastava saber rezar “o padre-nosso e a ave-maria, dizer Creio-em-Deus-Padre, fazer o pelo-sinal-da-Santa-Cruz” para ser bem recebido<sup>13</sup>. (FREYRE, 1994: 29-30)

Elemento importante para o português, é a religião que ampara a colonização. Nesse sentido, a capela do engenho substitui a estrutura eclesiástica, ausente, e que age como fator aglutinador. Assim, é no âmbito da família que a religião se desenvolve, essa religiosidade doméstica que acaba por dar a tônica da religiosidade brasileira.

---

<sup>12</sup> Nesse sentido, Freyre afirma que o instrumento de trabalho (a mão-de-obra escrava) agiu igualmente como elemento formador da família brasileira.

<sup>13</sup> Nesse sentido, “o Catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade.”

Assim, o problema vivido pelo colonizador, em relação ao *outro*, ligava-se mais à fé, do que ao fato de ser estrangeiro. Era contra o herege que lutavam os lusitanos, não simplesmente contra homens pertencentes a outras nações. Situação semelhante, verificou-se quanto ao indígena, “herético” que devia ser combatido por sua falta de fé, não por pertencer a uma raça diferente.

E nesse universo congregante, as características físicas do Brasil, como o clima e o solo, que poderiam ter agido como fator desagregador, agiu num sentido inverso. A união se deu, em grande parte, no sentido de vencer as vicissitudes impostas por uma terra inóspita. A solidariedade nasceu da necessidade de se vencer, juntos, a natureza.

Fator importante da obra, o latifúndio monocultor é apontado por Gilberto Freyre, como uma das causas responsáveis pela má alimentação na colônia, e a conseqüente má formação do brasileiro. A idéia que o Brasil era um paraíso gastronômico não condiz com a realidade de privações que se verifica, onde a elite, em poucas ocasiões – como as festas – conseguia fartar-se à mesa<sup>14</sup>. (FREYRE, 1994: 29-30)

Nessa carência alimentar, é aberta uma exceção quando se fala de São Paulo. Aqui para os lados do Sul, os paulistas nutriam-se melhor, em virtude principalmente da diversificação de atividades – a agrícola e a pastoril. Essa melhor forma de alimentação, acabou por influenciar na saúde dos paulistas, menos propensos a uma série de enfermidades.

Mas, um dos problemas de Casa-Grande & Senzala, está relacionado ao encontro de culturas. Gilberto Freyre afirma, muito apropriadamente, que a chegada do europeu desestruturou a harmonia existente entre o indígena e seu meio. Porém, é justamente aqui que a crítica se insere, pois Freyre utiliza-se de termos bastante questionáveis, como atrasado-adiantado

---

<sup>14</sup> Freyre credita a deficiência de formação do brasileiro a fatores como o clima, a miscigenação e a carência alimentar por que passa a população.

e *superior-inferior*. Ao se referir ao contato do europeu com o índio, afirma que desse encontro, “principia a degradação da raça atrasada ao contato da adiantada”. (FREYRE, 1994: 89)

Portanto, o encontro dessas duas culturas, a européia e a indígena, produziu para esta um cenário de destruição vivido ainda hoje. Como bem lembra Gilberto Freyre – embora utilize termos totalmente questionáveis, esse encontro produziu *exterminio ou degradação*, pois o europeu desconsiderou o *outro* enquanto produtor de cultura, negando a entrar em contato com o universo cultural indígena. (FREYRE, 1994: 109) E, sem dúvida, a contribuição de Casa-Grande & Senzala, nesse sentido, está em ter apontado um problema tão sério, que foi o extermínio dos povos indígenas, os verdadeiros donos da terra.

Nesse processo de degradação, os jesuítas desempenharam um importante papel. Suas missões agiram no sentido da imobilização, tirando do índio uma de suas características mais marcantes, ou seja, *a vida dispersa e nômade*. A destruição de um modo de vida todo peculiar, se deu por mecanismos poderosos, “através da catequese ou do sistema moral, pedagógico e de organização e divisão sexual do trabalho imposto pelos jesuítas.” (FREYRE, 1994: 110)

O trabalho jesuítico atuou em duas frentes, que ao final se complementaram. Por um lado, tornou o índio *dócil e melífluo seminarista*, fazendo-o aceitar a religião e a cultura do invasor. Essa primeira dominação abriu caminho para interesses econômicos, transformando a população indígena em serviçais obedientes, produtores de riquezas, que acabaram sendo apropriadas pelos jesuítas. (FREYRE, 1994: 146-147)

O brasileiro traz consigo a marca do indígena e do africano, quer seja na alma, quer seja no corpo. E Freyre chega a colocar, novamente, numa comparação perigosa, a cultura africana em patamar superior à do indígena e a do próprio colonizador. Assim, em matéria de contribuição ao progresso

econômico da colônia, o africano teria desempenhado papel mais importante que o indígena e o próprio português, principalmente “no litoral agrário”<sup>15</sup>. (FREYRE, 1994: 285)

A adaptabilidade do negro ao clima tropical é creditada a fatores psicológicos e fisiológicos, e também devido à “capacidade do negro de transpirar por todo o corpo e não apenas pelos sovacos.” (FREYRE, 1994: 287) Aqui, pelo menos, Freyre não acredita na medida e peso do cérebro como indicativos da inteligência humana. Baseando-se em pesquisadores reconhecidos, afirma que já não é mais aceita a “superioridade mental, inata e hereditária, dos brancos sobre os negros.” (FREYRE, 1994: 294)

Ao se referir aos negros vindos para o Brasil, o autor alerta para a importância de se fazer à diferença entre eles, haja vista terem saído de lugares diferentes, portadores de culturas diferentes<sup>16</sup>. (FREYRE, 1994: 298-299) Para cá, teriam vindo o “melhor da cultura negra da África”, contribuição importante na formação brasileira. Nesse sentido, ainda segundo Freyre, o Brasil foi privilegiado, toma-se em comparação o sul norte-americano, que não pôde contar com elementos da elite africana. (FREYRE, 1994: 299-300) Citando outros autores, tenta mostrar a superioridade da cultura negra, tanto sobre a indígena quanto sobre a portuguesa: o trabalho de metais, a criação de gado e a culinária, contribuições africanas que enriqueceram a cultura brasileira. (FREYRE, 1994: 307-308)

Um erro apontado por Freyre é julgar o negro pelo comportamento do escravo. Toda imoralidade própria do sistema escravocrata é impingida ao negro, como se tais características fossem suas por natureza. (FREYRE, 1994: 314-317) É aqui, mais uma vez, vemos a marca do inovador, ao nos mostrar o

---

<sup>15</sup> Freyre, na tentativa de relativizar a superioridade ou inferioridade de culturas, não dá conta de redimir o erro que é considerar uma cultura superior à outra.

<sup>16</sup> Assim, “importa determinarmos a área de cultura de procedência dos escravos, evitando-se o erro de vermos no africano uma só e indistinta figura de *peça da guiné* ou de *preto da Costa*.”

erro em se atribuir ao negro “defeitos” oriundos da condição própria do escravo.

O grande preconceito que perpassa a historiografia brasileira diz respeito à miscigenação. Gilberto Freyre rompe com essa tendência ao ver esse fator através de uma ótica positiva, principalmente ao colocar o negro enquanto elemento superior.

Chegado ao Brasil, o negro passou por um processo de “desafricanização”, levado a cabo pela catequese, auxiliada nessa cruzada de conversão pela casa-grande e principalmente pela senzala, ao misturar esta última, os recém-chegados, com os veteranos já abasileirados. Outros fatores responsáveis por esse abasileiramento do negro, apontados na obra, são o meio físico, a alimentação e o sistema de trabalho. (FREYRE, 1994: 357-358)

Para fechar essa modesta análise de uma obra tão importante e marcante da historiografia brasileira, e na tentativa de melhor entender autor, muitas vezes mal compreendido, dou a palavra a Roberto DaMatta, que vê a obra de Gilberto Freyre de forma “original e misturada como seu autor: de um lado, perdida numa vaidade doentia e quase perversamente atraída pelo elogio e pelo poder; e, de outro, eternamente fascinada e atraída pelo pequeno mundo dos homens comuns, dos desejos secretos e dos gestos humildes.” (DAMATTA, 1987: 7)

DA SILVA, Marco Antonio Nunes. The issue of cultural hierarchy in Gilberto Freire. **Aveso do Aveso**: Revista Educação e Cultura, Araçatuba, v.3, n.3, p. 98 - 111, jun. 2005.

**Abstract:** This article proposes an analysis of the master work of Gilberto Freire, “Casa-Grande & Senzala”, from the cultural view, highlighting in a brief way the main novelties approached in the book, such as some critics and stereotypes

which still remain – many of which bounding the frontier of prejudice-. even in a innovative work like this one.

**Key words:** Gilberto Freire: cultural hierarchy: Brazilian northwest: new christians: patriarchal family: African culture: Casa Grande & Senzala.

### **Referências Bibliográficas**

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre: Uma biografia intelectual**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993.

DAMATTA, Roberto. "A originalidade de Gilberto Freyre". **In: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n° 24, 2° semestre de 1987, pp. 3-10.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994.

NOVINSKY, Anita. "Os judeus na obra de Gilberto Freyre". **In: Conferência apresentada na semana dedicada aos estudos sobre Gilberto Freyre**. Recife, 1996.

RIBEIRO, Darcy. "Gentidades – Gilberto Freyre: Casa-Grande & Senzala." **In: Ensaios Insólitos**. Porto Alegre: L & PM Editores, 1979, pp. 63-107.